

CULTURAS INFANTIS NA AMAZÔNIA AMAPAENSE: O BRINCAR DAS CRIANÇAS E OS SABERES CULTURAIS

CHILDREN'S CULTURES IN AMAPAENSE AMAZON: CHILDREN'S PLAY AND CULTURAL KNOWLEDGE

Angela do Céu Ubaiara Brito 1
Maria Carolina Henrique Marques 2

Resumo: O trabalho discute pesquisas sobre culturas infantis e os saberes culturais regionais da Amazônia Amapaense de crianças entre 4 e 5 anos. Investigou-se como as brincadeiras referente aos saberes culturais regionais das crianças da Amazônia Amapaense possibilitam a construção das culturas infantis? A pesquisa teve como objetivo geral analisar as brincadeiras, os saberes culturais regionais das crianças da Amazônia amapaense e sua relação com a construção da cultura infantil. A metodologia baseou-se no paradigma qualitativa com uso da etnografia educacional realizada a partir de pesquisa de campo em um Centro de Educação Infantil (CEI) no Município de Santana, Amapá. Os participantes da pesquisa foram crianças de uma turma do segundo período e a professora. A análise dos dados foi realizada mediante a análise de conteúdo. Os resultados mostram que as brincadeiras das crianças têm estreita relação com os saberes culturais. A partir do brincar a criança se insere e produz cultura na comunidade ribeirinha, no contexto de compreensão dos significados, em convivência com os adultos.

Palavras-chave: Cultura. Saberes. Educação. Infância.

Abstract: The work discusses research on children's cultures and regional cultural knowledge in the Amazon Amazon region of children between 4 and 5 years old. Was it investigated how the games referring to the regional cultural knowledge of children in the Amazon Amazon region enable the construction of children's cultures? The research had as a general objective to analyze the games, the regional cultural knowledge of the children of Amazonian Amazon and its relation with the construction of children's culture. The methodology was based on the qualitative paradigm using educational ethnography carried out from field research in a Child Education Center (CEI) in the municipality of Santana, Amapá. The research subjects were children from a second period class and the teacher. Data analysis was performed through content analysis. The results show that children's games are closely related to cultural knowledge. From playing, the child inserts and produces culture in the riverside community, in the context of understanding the meanings, in coexistence with adults.

Keywords: Culture. Knowledge. Education. Childhood.

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Líder do Grupo de Pesquisa Ludicidade, inclusão e Saúde (LIS). Membro do Grupo de Pesquisa Contextos Integrados de Educação Infantil, da Faculdade de Educação da USP (FEUSP). Professora adjunta da Universidade do Estado do Amapá (UEAP) e do Programa de Mestrado em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8301-2653>.
E-mail angela.brito@uepa.edu.br

Mestra em Educação pela Universidade Federal do Amapá- PPGED/ UNIFAP. Membro do Grupo de Pesquisa Ludicidade, inclusão e Saúde (LIS).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8751-3655>.
E-mail: mariacarolina.hmarques@hotmail.com

Introdução

O trabalho está situado no campo de discussões em relação às culturas infantis e os saberes culturais regionais da Amazônia Amapaense de crianças entre 4 e 5 anos. Trata-se de analisar os saberes culturais das crianças enquanto elementos constituídos nos espaços sociais e culturais, e nas relações que elas estabelecem em seu cotidiano. Entende-se que a escola é um espaço de construção, partilha de saberes e culturas, em vista disso é importante que os espaços escolares sejam pensados a partir de uma visão multicultural, a fim de que ocorra o reconhecimento das múltiplas culturas e saberes. Desse modo, contribui-se para o rompimento dos padrões excludentes, possibilitando que as crianças e as culturas infantis deixem de ser invisibilizadas e subalternizadas.

Nesse contexto, compreende-se que a cultura infantil é construída pelas crianças por meio dos grupos em que estão inseridas, das relações familiares e sociais, uma vez que, através das interações sociais e de pares e da cultura adulta, elas obtêm experiências, saberes, conhecimentos, significados e formas de expressão. Enquanto atores sociais, as crianças reproduzem, transformam e criam cultura, constituindo um processo de reprodução interpretativa, que possibilita a criança fazer parte da cultura adulta e contribuir com sua reprodução (CORSA-RO, 2011). Dessa forma, se apropriam e transformam criativamente o que lhes é transmitido pela cultura do adulto e, através das relações sociais (cultura de pares), criam sua própria cultura infantil, dotada de significado próprio.

Assim, a pesquisa investigou como as brincadeiras referente aos saberes culturais regionais das crianças da Amazônia Amapaense possibilitam a construção das culturas infantis? O objetivo geral foi analisar as brincadeiras, os saberes culturais regionais das crianças da Amazônia amapaense e sua relação com a construção da cultura infantil. Para tanto, como procedimento metodológico, a pesquisa situa-se em abordagem qualitativa, a qual possui um caráter interpretativo e subjetivo que considera a realidade social e as particularidades do contexto de vivência dos sujeitos, que, nesse caso, é o Centro de Educação Infantil (CEI), localizado em Santana – Amapá. Com a abordagem qualitativa, é possível se aprofundar, interpretar e analisar os significados das ações e relações dos participantes da pesquisa. O estudo é sustentado pelo paradigma qualitativo e utiliza a etnografia educacional.

Assim, a vivência por um período considerável com as crianças e os dados gerados provocaram reflexões sobre as culturas infantis e os saberes culturais na Educação Infantil, bem como acerca da importância de promover um espaço escolar com experiências significativas, fortalecidas pela colaboração e participação de todos. Espaço este que compreende a criança como sujeito de direito e protagonista, no qual a educação se estabeleça sustentada pela democracia e pelo diálogo com as múltiplas crianças, infâncias e culturas infantis.

Os procedimentos metodológicos e o contexto de pesquisa

O presente estudo situa-se sobre o paradigma qualitativo, uma vez que envolve uma pesquisa de caráter interpretativo e subjetivo que valoriza a realidade de cada contexto. Esta pesquisa é, portanto, desenvolvida no contexto de vivência dos sujeitos em um tempo prolongado, o qual possibilita a construção de uma relação da pesquisa com o *locus* e os sujeitos pesquisados para que se possa vivenciar e interpretar os processos de desenvolvimento, os saberes, as culturas, os fenômenos, a dinâmica e a realidade social que envolve os sujeitos em seu ambiente natural (DENZIN E LINCOLN, 2006).

A pesquisa trata de uma etnografia educacional. Em linhas gerais, a etnografia é um método que significa a descrição de um povo, que estuda grupos de pessoas e a sua cultura e “estudar a cultura envolve um exame dos comportamentos, costumes e crenças aprendidos e compartilhados do grupo” que descreve o modo de vida particular e os eventos que ocorrem no grupo (ANGROSINO, 2009, p. 16). A etnografia educacional se caracteriza pelo contato direto com a escola e os sujeitos com o intuito de entender a dinâmica do dia-a-dia escolar.

O campo etnográfico situa-se antes de tudo em território amazônico, todavia compreende-se que a Amazônia possui um vasto território e nele uma riqueza de culturas, identidades e saberes, dessa forma a Amazônia é configurada como plural. E dentro dessa pluralidade

estar a Amazônia Amapaense. A escola campo de pesquisa foi o Centro Educacional que está localizado na Amazônia Amapaense, mais especificamente no município de Santana, no bairro Remédios II, próximo aos bairros Vila Amazonas, Novo Horizonte, Provedor, bem como em uma distância considerável da área portuária.

Foram vinte e cinco crianças e uma professora que formam o grupo participantes da pesquisa etnográfica educacional. A maioria dos participantes residem no município de Santana e em locais adjacentes, mas há aqueles que moram em áreas mais distante como Igarapé da Fortaleza e centro da cidade. Nesse sentido, tem-se quem reside em área de ressaca¹ ou portuária (geralmente locais com pontes) que se difere do urbanismo do centro da cidade. Diante disso, as experiências e vivências dessas crianças são diferentes, uma vez que por exemplo o brincar, a concepção de moradia, transporte se tornam distintos em razão das circunstâncias os quais habitam e dos contextos familiares e sociais.

Nesse sentido, os processos sociais nos quais estes sujeitos estão imersos são revelados nas experiências e práticas educacionais cotidianas. Nele ecoa-se as vivências dos indivíduos dentro da Amazônia que contribuem para o desenvolvimento das crianças, suas identidades, saberes e culturas. A escola, portanto, é um espaço que abarca essa pluralidade que precisa ser valorizada. Assim, tornou-se possível ver pelas lentes minuciosas dos registros etnográficos as concepções e ações das crianças e da professora diante deste contexto tão plural.

O período da pesquisa de campo etnográfica foi realizado durante 9 meses de investigação. Sendo que, em 2018, ocorreu o primeiro momento de observação para conhecer o contexto escolar, a estrutura pedagógica e envolvimento com os professores. Em 2019, aconteceu a segunda etapa da investigação que se desenvolveu até dezembro, na qual se deu os registros etnográficos de convivência com as crianças em sala de aula e acompanhamento com a professora em relação as atividades desenvolvidas referente as brincadeiras e os saberes culturais.

A observação participante utilizada como técnica de coleta de dados não se restringe a ver ou ouvir, mas busca examinar os fatos e os fenômenos a serem estudados (LAKATOS; MARCONI, 2003). É uma técnica dinâmica e transcende a descrição das ações observadas, envolve a apreensão do real e sua interpretação.

A observação participante considera que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, influenciando-se mutuamente (ANDRÉ, 1995). Portanto, requer do pesquisador um contato mais direto, frequente e prolongando com os sujeitos. O pesquisador observador participa das situações do grupo, mas também as observa, recolhendo dados que serão analisados. Para compreender os significados das situações que ocorrem nos espaços socioculturais nos quais os sujeitos estão inseridos, é interessante adotar uma postura despojada de estereótipos pré-estabelecidos.

O tratamento dos dados resultantes da observação participante foi realizado mediante a Análise de Conteúdo. Sendo assim, perpassa pelo processo de organização, criação de categorias, análise, interpretação, ou seja, cumprirá as fases da análise de conteúdo. De acordo com Franco (2005), o ponto de partida da análise de conteúdo é a mensagem, seja ela qual for, pode ser considerada como análise de comunicações que é utilizar meios sistemáticos e possibilita ao pesquisador fazer inferências acerca de qualquer elemento da comunicação, além de expressar um significado e um sentido.

Assim, categorizou-se em três subseções: narrativas e encantos; varal de saberes; entre rios, catraios, peixes e pescaria para as discussões dos dados na seção seguinte, que respeitou os aspectos éticos da pesquisa e obteve riscos mínimos aos participantes da pesquisa. Quando a identificação a Tabela 1 mostra a opção de registro no texto.

1 Ressaca são "áreas encaixadas em terrenos quaternários que se comportam como reservatórios naturais de água, caracterizando como um ecossistema complexo e distinto, sofrendo os efeitos da ação das marés, por meio da rede formada de canais e igarapés e ciclos sazonais da chuva" (PORTILHO, 2010, p. 03).

Tabela 1. Pseudônimos dos participante da pesquisa

SUJEITOS DA PESQUISA	PSEUDÔNIMOS
Professora	Professora Antônia
Meninas	Elenice, Eugênia, Mirna, Angélica, Ana Karem, Marcela e Eduarda
Meninos	Vinícius, Lucas, Márcio, Caio, Henrique

Fonte: Registro de Campo, 2019.

Desta forma, as seções discutem os saberes culturais das crianças as brincadeiras emergentes no cotidiano Amazônico.

Saberes culturais e a criança amazônica

A universalização da cultura e dos saberes são percebidas nos contextos de debates sobre os saberes das crianças, estes em sua maioria invalidados por uma visão autocêntrica. A concepção que é adotada, e que constantemente salienta-se a importância, na presente pesquisa é a da criança como protagonista dos seus conhecimentos e construtora de cultura infantil. Assim,

As crianças têm a capacidade de dizer do seu lugar de uma maneira simples, concreta e sensível, dando-nos a possibilidade de problematizá-las para que não fiquem no *sensus communis* como crianças “in-fans” - sem voz - mas que as percebemos sob um novo patamar, aquele em que a criança dá um novo sentido à ordem das coisas, que propicia ver a situação a partir de muitos ângulos, que nos faz aprender a aprender, que nos mostra que a Amazônia é um espaço seu e do outro, um lugar ímpar com culturas singulares (ANDRADE; PACHECO, 2016, p. 111).

As crianças apresentam em seus saberes culturais a tradução das suas vozes, suas histórias de vida, experiências, valores, crenças, costumes, concepções de mundo e de si, os novos significados e sentidos que concebem as coisas, saberes esses que são constituídos no cotidiano mediante em situações como nas interações sociais e no brincar com os seus pares.

Os saberes culturais das crianças trazem marcas das vivências e das identidades das crianças e dos contextos socioculturais em que estão inseridas. Não são e nem podem ser padronizados por uma cultura homogênea, uma vez que correspondem a heterogeneidade do ser criança e das culturas infantis e adulta.

Conforme Souza (2016) os saberes culturais das crianças são reflexos de suas vivências e relações nos contextos culturais que elas se encontram, portanto revelam características típicas do local, das pessoas e dos artefatos culturais. Para compreender sobre os saberes culturais das crianças, bem como a sua compreensão de mundo, de si e do outro é preciso levar em consideração as circunstâncias e o ambiente.

As vivências, experiências, os diálogos e interações sociais formam a bagagem cultural das crianças que, conseqüentemente, proporcionam a construção de seus saberes culturais. Esse movimento não é igual para todas as crianças, tudo depende do que e com o que a criança tem proximidade, do seu próprio ritmo e de outros fatores e elementos culturais.

O mundo da criança é muito heterogêneo, ela está em contacto com várias realidades diferentes, das quais vai apreendendo valores e estratégias que contribuem para a formação da sua identidade pessoal e social. Para isso contribuem a sua família, as relações escolares, as relações de pares, as relações comunitárias e o trabalho que desempenha (BARRA; SARMENTO, 2002, p. 3).

O primeiro núcleo com o qual as crianças constroem seus saberes é o da família. A *posteriori* surgem as escolas e outros espaços sociais. Elas constroem seus saberes nas ações e no contexto social que vivem, por meio da interação com o outro, nos jogos, no brincar e nas brincadeiras, experiências do cotidiano, na imitação e, também, na transmissão oral.

Os saberes estão em constante construção, a cada nova experiência, relações, transformam-se e/ou criam-se novos saberes. As experiências, as rotinas, o brincar são portas de entrada para o diálogo com elementos e saberes culturais das crianças. As ações participativas e democráticas em ambientes que respeitam e reconhecem as culturas e proporcionam o compartilhamento através de experiências sociais e culturais possibilitam aprendizagem significativa e dialógica para todos os envolvidos.

Segundo Souza (2007, p. 52 apud SOUZA, 2016, p. 28) “o conhecimento está no universo cultural destas crianças, que elas vêm para a escola carregadas de informações, trazendo experiências, trazendo diferentes saberes, que têm que ser valorizados”. As crianças constroem saberes, dão sentidos e significados às coisas, aos elementos e ações que as envolvem. E nas interações com seus pares, com crianças de outras faixas etárias e com os adultos compartilham e produzem saberes. Nesse sentido, as rotinas culturais nos espaços escolares constituem-se como um lugar de troca e de diálogos, no quais as crianças compartilham publicamente as culturas e os saberes.

Desse modo, são em situações e atividades que envolvem os saberes culturais que proporcionam trocas e experiências a partir de objetos, brinquedos, interações e diálogos, que as crianças partilham e se apropriem criativamente de conhecimentos, práticas e espaços culturais, visto que as crianças não são apenas reprodutoras do mundo do adulto, mas dão outro sentido e produzem significados, explicações e teorias sobre o mundo em que vivem (SOUZA, 2016). Assim,

A imaginação, o brinquedo, a fantasia do real são dispositivos próprios do modo de ser criança que podem ser deixados vingar, dar uma nova configuração para a face da terra [...] as crianças estão ligadas ao mundo muito mais do que pensamos, captam sua essência, sentem-se atraídas pelas atividades adultas sem deixar de criar um mundo simbólico que alimenta seu imaginário [...] Torna-se necessário, portanto, situar a infância contemporânea para alçar a criança a seu lugar de protagonistas (REDIN; MÜLLER; REDIN, 2007, p. 20).

No cotidiano, nas rotinas culturais, nos jogos e nas brincadeiras existe uma produção e compartilhamento de saberes que são intensificados, construídos e enriquecidos nos momentos e espaços em que as crianças estão atuando como protagonistas, na interação, brincar e socializar com os seus pares e com os adultos da sua convivência. Há a possibilidade de novas descobertas, caminhos e interações a serem traçados que contribuem para a produção dos saberes, bem como para a construção de culturas infantis, tornando-se fecundo para troca de experiências e aprendizagem para os sujeitos participantes.

Dessa forma, as crianças vivenciam a cultura local com maior intensidade, reproduzem (e produzem) narrativas tradicionais como superstições, mitos e lendas oriundos da cultura que vivencia. O contexto, as experiências e as narrativas vividas pelas crianças se refletem em suas múltiplas linguagens. Nesse sentido, elas reproduzem, transformam e contribuem para a cultura e constroem novos saberes, se afirmando enquanto sujeito social/protagonista.

No que diz respeito a relação das crianças e da Amazônia, Alves (2007) afirma que as crianças amazônidas

Vivem em um meio social carregado de significações, ideologias, histórias e em uma cultura muito singular como a da Amazônia. Cercada de narradores que transmitem toda a poética da Amazônia, ouvindo histórias desde o nascimento, têm um repertório narrativo carregado de elementos típicos do imaginário mitopoético do amazônida. Elas estabelecem relações definidas, segundo seu contexto de origem,

interagindo com uma pluralidade de linguagens, fazendo uso das relações sociais e culturais (ALVES, 2007, p.140).

As crianças amapaenses, também situadas na cultura da Amazônia, são carregadas de elementos culturais peculiares imersos nessa cultura tão singular. Assim como as crianças amazônicas, as crianças Amapaense ouvem histórias carregadas de elementos típicos do imaginário mitopoético do amapaense. Esses indivíduos pequenos possuem vivências que lhes são próprias, devem ser entendidas dentro do seu contexto local, a partir do seu universo cultural que é enriquecido de aspectos culturais amazônicos.

Os saberes culturais regionais na construção da cultura infantil

A pesquisa buscou compreender como as crianças vivenciam os saberes culturais regionais dentro do contexto escolar. Os dados analisados na observação etnográfica nos mostram a construção das culturas infantis por meio dos saberes culturais regionais, sendo estas: narrativas e encantos; varal de saberes; entre rios, catraios, peixes e pescaria.

Narrativas e encantos

No seu cotidiano, a criança tem contato com diferentes pessoas e com múltiplos elementos culturais. Dessa forma, na Educação Infantil, deve ser oportunizada à criança uma diversidade de experiências que possibilitem a participação, exploração, o desenvolvimento e a aprendizagem, as quais não silenciem a si e, conseqüentemente, as suas culturas e identidades.

Este registro contempla elementos culturais regionais manifestados em faz de conta, histórias em vídeos, itens simbólicos, atividades e conversas. A professora Antônia, então, pediu para as crianças se organizarem em uma roda (rodinha) para conversarem sobre o dia em questão. Oportunizou a escuta das crianças, o que, inevitavelmente, deu surgimento a relatos sobre seres mitológicos, costumes, entre outros. O registro nos mostra de forma mais clara.

- *Meu avô disse que se 'assoviar' a noite a Matinta aparece (Márcio)*

- *E o Saci também! (Vinicius)*

- *Sabia que se a cobra mexer muito a gente vai 'pro' fundo (Ana Karem)*

- *Muita gente já viu a cobra, né? (Márcio)*

- *Lá na minha vó, a gente dá pulo no rio só de dia, de noite não. Tem visagem (Ana Karem)*

(REGISTRO DE CAMPO, 2019)

- *Por que a lara gosta de pentear o cabelo? (Elenice)*

- *Por que o Saci não usa blusa? (Lucas)*

(REGISTRO DE CAMPO, 2019)

- *Meu pai já correu dá onça lá no mato² (Vinicius)*

(REGISTRO DE CAMPO, 2019)

Ao ouvir as crianças, notou-se que, em seus relatos, revelaram-se memórias guardadas, histórias, medos, superstições, crenças e personagem imaginários. Os saberes culturais regionais dessas crianças são permeados de acontecimentos do mundo real e imaginário, das experiências cotidianas com os adultos e outras crianças, além da criação e fantasia. Elas possuem traços culturais de aprendizados oriundos dos pais, dos avós, irmãos e outras pessoas de seu convívio. Friedmann (2013) nos afirma que

2 Mato, nesse contexto, diz respeito à floresta.

O mito é passado por narradores orais de uma geração a outra e vai sendo incorporado pelos grupos até ir fixando. Assim também, *as brincadeiras, gestos, rituais, contos são transmitidos* de forma oral em diferentes regiões do mundo (FRIEDMANN, 2013, p. 90)

A cultura amazônica relaciona-se com a natureza, mitologia, imaginário, modos de vidas e trabalho, artefatos e manifestações culturais, e tem suas raízes nas influências da cultura indígena e dos migrantes nordestinos. A cultura amazônica, destaque para a cultura da Amazônia Amapaense, é dinâmica e revela e interpreta a realidade e o imaginário do povo que nela reside, em uma confluência de vivências urbanas e rurais, de tradições e modernidades.

O imaginário das crianças é repleto de elementos culturais. De acordo com Friedmann (2013, p. 90), “o imaginário infantil tem sua origem no inconsciente e cada cultura espelha, por meio dos relatos das crianças, suas singularidades. Estas expressões, que vêm do imaginário infantil, constituem pistas, mensagens que dizem respeito ao universo interior”. E é por meio do universo do imaginário infantil, traduzido através das múltiplas linguagens, que os elementos culturais são revelados.

A criança da Amazônia Amapaense aprende que se a cobra mexer, o rio vai subir e cobrir todos os sujeitos da cidade; ela também sabe que outras pessoas já viram a cobra, uma vez que escutaram relatos dessas experiências. Ou, ainda, que durante a noite aparece visagem (espírito de pessoas mortas). A criança tem acesso às tradições orais e alimenta a sua fantasia e criatividade através das mesmas. Esses saberes culturais aprendidos por meio das narrativas orais se fazem presente nas manifestações das culturas infantis.

As lendas, mitos, saberes, cantos, danças, traduzem as crenças, os costumes e modo de vida individual e coletivo transmitido e modificado ao longo do tempo. Consiste em um universo de narrativas, signos, símbolos e significado que podem possibilitar múltiplas interpretações. É neste universo cultural que as crianças da Amazônia Amapaense vivem.

Destaca-se a necessidade de haver um trabalho contínuo que contemple o imaginário e a memória dos povos da Amazônia, uma vez que tais elementos se enquadram como importante contribuição para que a riqueza cultural seja mantida. A globalização, e, consequentemente, a homogeneização cultural, de certa forma, gera um distanciamento das culturas locais (HALL, 2006), o qual produz impacto nos processos culturais e identitários nacionais, o que ocasiona uma sobreposição aos costumes, saberes e fazeres locais. É indispensável para a Educação Infantil conhecer e falar sobre os processos e práticas socioculturais presentes no cotidiano.

Aqui se faz necessário discutir, dentro do âmbito da Educação, sobre a Cultura Amazônica em sua diversidade étnica, cultural, social e econômica. Compreender sobre as lendas, mitos, festas, costumes, religiões e contextos histórico-sociais nos quais os sujeitos estão inseridos, com a intenção de possibilitar a valorização e o respeito, adquirir um olhar mais sensível à cultura, aos saberes, às identidades do povo, e o rompimento de padrões homogêneos impostos.

Varal de saberes

As cidades do Estado do Amapá se diferem das grandes metrópoles brasileiras, pois, em sua maioria, não possuem um crescimento vertical. Na capital do Estado, Macapá, é possível encontrar algumas construções altas, contudo, essa realidade ainda não faz parte do cotidiano da maioria dos amapaenses. Em Santana, encontram-se edifícios com um número baixo de pavimentos. Sendo assim, a realidade das crianças amapaenses, em sua grande maioria, é constituída por casas com quintal e este fato se reflete nas brincadeiras de casinha das crianças. O quintal é parte da cultura amapaense e cenário para a arte do brincar. No percurso etnográfico, é feita a análise de como esse cotidiano se faz presente nas brincadeiras das crianças, como mostram as figuras 01, 02, 03 e 04.

Imagem 01. Estender a roupa



Fonte: Registro de campo (2019)

Imagem 02 .Estender a roupa (sequência)



Fonte: Registro de campo (2019)

Imagem 03. Passar a roupa



Fonte: Registro de campo (2019)

Imagem 04. Dobrando roupa



Fonte: Registro de campo (2019)

No brincar de casinha das crianças participantes da pesquisa nota-se a presença da ação de “estender a roupa no varal”, prática comum amapaense e de outras regiões da Amazônia. A representação da casinha, o costume e o saber fazer desse brincar partem da imitação do adulto e do cotidiano para a recriação (ALVES, 2007). Dessa forma, os saberes culturais regionais são expressos através do corpo, dos gestos, dos olhares e movimentos. Cada expressão traduz um modo de ser, fazer e viver.

Para Friedmann (2013, p. 136), “em cada sociedade, em cada cultura, os acontecimentos, as pessoas e as coisas podem ser percebidas de modos específicos”. As brincadeiras das crianças transmitem significados diversos para cada criança em cada cultura. A criança poderá recriar as brincadeiras e transmitir seus próprios conhecimentos, saberes, experiências e sentimentos. Dessa forma, de acordo com o contexto que estão inseridas, as culturas incorporam diferentes e/ou novos repertórios.

Em suas brincadeiras, as crianças estipulam regras que devem ser respeitadas

- Primeiro a gente lava a roupa, só depois que a gente estende né? (Marcela)
 - Vamos lavar bem aqui (Eugênia)
 - Esfrega, Esfrega – criança faz movimento com o corpo (Marcela)
 - Bem ali é o varal – gesto típico com a boca (Eugênia)
 - Vai, vamos colocar lá (Angélica)
 - [...]
 - Lá vem a chuva! (Eugênia)
 - Ana, vai tirar as roupas do varal agora, sua menina (Marcela)
 - [...]
 - Eu só vou passar aqui para não ficar amarrotada (Mirna)
- (REGISTRO DE CAMPO, 2019)

A brincadeira representa a cultura local da realidade vivenciada pelas crianças. Para encenar seus papéis, imitam a mãe, o pai, o irmão, a irmã, e expressam sua perspectiva de um universo singular, realista e simbólico. É importante ter em mente que, quando brincam novamente de casinha, as ações não são idênticas, variam e esboçam outros aspectos.

A criança possui grande fascínio por atividades do cotidiano que nem sempre podem realizar no mundo real, como arrumar a casa, passar roupa, estender a roupa, cozinhar, dirigir carro (CRAIDY; KAERCHER, 2001), em razão disso, transportam essas ações que observam com frequência na rotina do mundo adulto, ou que mais chamam sua atenção no dia-a-dia, para o momento do brincar, criam papéis e elaboram enredos que representam e aproximam do real. Quando a criança brinca, imagina e cria as ações do faz de conta, há um verdadeiro envolvimento e dedicação para realizar a brincadeira.

Brincar, experimentar e divertir permite descobrir novas perspectivas. A comunicação se entrelaça, novos papéis são representados, novas ações e regras são estabelecidas. Para Brito (2015), na educação infantil, a brincadeira possibilita a aprendizagem e corresponde a um processo de interação social e cultural. Neste sentido, a criança possibilita uma série de ações imaginativas, como a criar e recriar situações, solucionar problemas, planejar e estipular regras, o que contribui para o desenvolvimento infantil. Na Amazônia Amapaense, as crianças encontram-se em um ambiente social carregado das múltiplas culturas e identidades, de vivências e experiências variadas, e de narrativas típicas do imaginário amazônida.

Entre rios, catraios, peixes e pescaria

A Amazônia Amapaense constitui-se da diversidade de encontros de culturas, identidades e saberes. É marcante a presença do índio, do ribeirinho e de outros povos que transitam nas terras amapaenses. Os rios, os costumes e as inúmeras narrativas estão imersas no cotidiano das crianças e dos adultos.

As crianças crescem ouvindo histórias e contos que se passam entre os rios Amazonas, Vila Nova, Matapi, Araguari, Oiapoque, entre outros. Os rios que dão asas à imaginação e compõem o brincar das crianças. Rios que abarcam as experiências da vida cotidiana, as viagens e o lazer com a família, a forma de subsistência de alguém próximo e outros enredos que se misturam e se transformam nas Culturas Infantis (ALVES, 2007). E é assim, entre os rios, catraios, peixes e pescaria, que este registro etnográfico se materializa.

Na situação observada (Ver Figura 19 e 20), as crianças organizaram-se em ordem para que todos pudessem ter a oportunidade de manipular o brinquedo. A ideia de organização em fila partiu de Caio, criança dona do brinquedo. Ao perceber que outras crianças queriam manipular o brinquedo, Caio tomou a decisão de organizar uma fila indiana, que depois se transformou em um círculo, para que todos pudessem ter a oportunidade. Assim, formou-se uma grande rede de pesca.

No desenvolver da brincadeira, as crianças dialogavam, manipulavam o brinquedo, interpretavam papéis e compartilhavam experiências (Ver Figura 5 e 6). Foi possível compreender, através da observação e do registro fotográfico, que cada criança tinha sua vez para pescar, mas todos se ajudavam. Caio ajudava aqueles que não conseguiam pegar o peixe de brinquedo. Brougère (2008, p. 9), “a criança dispõe de um acervo de significados. Ela deve interpretá-los: a criança deve conferir significados ao brinquedo durante sua brincadeira”.

Imagem 5. Ensinando a pescar



Fonte: Registro de campo (2019)

Imagem 6. Crianças pescando



Fonte: Registro de campo (2019)

Para compreender melhor, o registro das vozes nos revela:

Tem que colocar a minhoca, ele sai se tu não colocar aí (Caio)
 - Por que? (Ana)
 - Por que quando coloca lá, ele quer comer e fica preso. Aí tu puxa assim, rápido (Caio)

Eles ficam em silencio e se olham. De repente a criança que estava segurando o brinquedo exclama

- Peguei o 'porrudo' (Ana)

Eles comemoravam e continuavam a pescar até todos terem conseguido.

- Quanto é o peixe? (Henrique)
 - 2 Reais é esse. Do outro lá é 50. (Caio e Ana)
 - Esse aqui eu vou levar (Henrique)

[...]

- Lá em casa eu já comi peixe com açaí (Henrique)

- Na minha também. (Ana)

- Lá em casa também (Elenice)

- Eu também (Lucas)

- Lá no terreno do tio tem peixinhos (Vinícius)

- Sabia que tem que pegar a catraia para chegar lá do outro lado? Lá peguei com o meu pai, o peixinho, mas depois a gente soltou. (Caio)

(REGISTRO DE CAMPO, 2019)³

Nas falas, nas histórias e vivências compartilhadas, percebe-se que, muitas vezes, as crianças expressam a realidade individual vivenciada, mas que se cruzam e se assemelham em algum elemento. As ações do brincar, os papéis e os diálogos, enriquecidos de saberes culturais, mostram as culturas infantis e seus cotidianos. O modo de vida singular reflete-se nas brincadeiras e nas histórias contadas. À luz da pesquisa etnografia educacional, torna-se possível mergulhar na realidade e no cotidiano dos sujeitos da pesquisa e compreender, por exemplo, neste registro, como as crianças partilham seus saberes culturais nas culturas infantis.

A dinâmica de lazer e de trabalho de algumas famílias da cidade de Santana/AP envolve

³ É importante esclarecer alguns dialetos: 'porrudo' significa algo muito grande; 'terreno' é uma espécie de chácara ou sítio que geralmente fica perto do rio e são usados para moradias ou para lazer; 'catraia' é uma embarcação de pequeno porte. E, na região norte do Brasil, tradicionalmente, se come o peixe com açaí e farinha (e/ou açúcar), diferentemente de outras regiões em que o açaí é uma vitamina.

os rios, embarcações de pequeno e grande porte (barco, balsa, navio, canoa, etc.), travessias e a pesca. Sendo assim, as crianças que tem contato com esse tipo de experiência, ou que observam os adultos na prática de pescar (formal ou informal), transportam, nos momentos de brincar, a pecaria. O pescar, seja como forma de trabalho ou lazer, e embora nem sempre haja a participação efetiva da criança, transforma-se em repertório dos brincantes, uma vez que possuem algum conhecimento produzido sobre a ação de pescar.

O brinquedo exibido nas imagens consiste em um objeto que, embora seja industrializado, possui um valor simbólico para a criança, e é um meio de representação manipulável. O brincar e brinquedo se relacionam aos contextos da vivência cotidiana. É isso que acontece ao brincar de pescar, por exemplo, as ações e os papéis remetem à interpretações diferentes e às experiências sociais, culturais e econômicas vividas pelas crianças. Para Kishimoto (2014, p. 82), “o brincar, enquanto linguagem de um povo, incorpora as diferenças e diversidades de significações e das pessoas provenientes da cultura que reflete nas ações, hábitos e práticas cotidianas”, é, portanto, um processo dinâmico.

A brincadeira consiste em um processo de relações e fala de cultura, da mesma forma que envolve o contexto local em que a criança está inserida. A aprendizagem e apropriação de elementos sociais e culturais ocorrem no momento em que a criança manipula, transforma e interage. Os artefatos mais registrados na brincadeira de pescar foram a vara de pescar, os peixes, a embarcação e diálogos que remetiam às situações experienciais das crianças da Amazônia Amapaense.

Considerações Finais

Os saberes culturais das crianças da Amazônia Amapaense são tecidos nas teias das culturas infantis, nas relações com seus pares e com os adultos. São revelados pela brincadeira, nas vozes, nos desenhos, no brincar e em todas ações e produções realizadas no espaço escolar. Ao adentrar no universo infantil da criança da Amazônia Amapaense, o que se observa é a multiplicidade de infâncias que se encontra em um único espaço escolar. Seus saberes culturais são marcados por relações sociais, partilhas e vivências.

As culturas infantis sempre diziam muito dos lugares, dos fazeres, dos saberes, das vivências com o ambiente natural e social no Estado do Amapá. As crianças dão sentido às coisas a partir das suas experiências e compartilham socialmente esses sentidos, podendo dar origem a um novo sistema simbólico, sendo assim, a cultura está sempre em transformação, não é única e nem padrão. As ações sociais das crianças contribuem para aprendizagem, então, no momento de socialização, seja ele no brincar ou nas atividades lúdicas, nas regras estipuladas, no contato com outras culturas e com os artefatos culturais, ou, ainda, em outros momentos cotidianos das relações sociais, as crianças aprendem, exploram, criam e recriam sentidos, significados e representações.

Assim, os saberes culturais regionais das crianças da Amazônia Amapaense possibilitam a construção da cultura infantil considerando a criança como protagonista de sua aprendizagem. Espera-se que este estudo contribua para novos diálogos sobre o tema, que muito seja tecido sobre as crianças e suas vozes, os saberes culturais, as culturas infantis e a documentação pedagógica, especialmente no contexto da Amazônia Amapaense que aqui se faz presente.

Referências

ALVES, Laura Maria Silva Araújo (org). **Educação infantil e estudos da infância na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2007.

ANDRADE, Simeia Santos; PACHECO, Tatiana do Socorro Corrêa. **Infâncias e crianças ribeirinhas da amazônia marajoara**: linguagens e práticas culturais. Revista @rquivo Brasileiro de Educação, Belo Horizonte, 2016.v.4, n. 9, set-dez.

ANDRÉ, M. E. D. A de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARRA; SARMENTO, 2002, p. 3).
- BRITO, A. C. U. **Práticas de mediação e o brincar na educação infantil**. Judiaí: Paco Editorial: 2015
- BROUGÈRES, Giles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1997
- CORSARO, Willian A. **Sociologia da infância**. Tradução Lia Gabriele Regius Reis. 2. Ed. São Paulo: Artmed, 2011.
- CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed; 2001
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FRANCO. Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- FRIEDMANN, A. **Linguagem e culturas infantis**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 2013.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Porto Alegre: DP&A, 2006
- KISHIMOTO, Tizuko Jogos, brinquedos e brincadeiras do Brasil Espacios en Blanco. **Revista de Educación**, n. 24, p. 81-105, jun, 2014, Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3845/384539806007.pdf>. Acesso em: 01 dezembro. 2021
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- PORTILHO, Fatima. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- REDIN, Euclides; MÜLLER Fernanda; REDIN Marita. M.(Orgs.). **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- SANTOS, Maria Roseli Sousa. **Entre o entre o rio e a rua: cartografia de saberes artístico-culturais emergentes das práticas educativas na Ilha de Caratateua, Belém do Pará..** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2007
- SOUZA, Raimundo Gomes de. **Protagonismo infantil e saberes culturais ribeirinhos no ensino de matemática na educação infantil**. Dissertação. 2016; (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas) - Centro Universitário Univates, Lajeado, 2016.

Recebido em: 02 de dezembro de 2021.

Aceito em: 16 de dezembro de 2021.